



Volume 3, Número 1, 2026

MEMES, TRABALHO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO PIBID

MEMES, WORK, AND HISTORICAL CONSCIOUSNESS: AN EXPERIENCE IN HISTORY TEACHING WITHIN PIBID

Arthur S. Corrêa¹

Beatriz P. Pereira²

Lincoln F. F. Gomes³

Tamires Simões de Azevedo⁴

Thiago P. Roberto⁵

RESUMO: Este artigo analisa uma intervenção pedagógica desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. A proposta utilizou memes para problematizar o trabalhismo varguista, a Consolidação das Leis do Trabalho e os discursos contemporâneos sobre trabalho. Organizada em seis aulas, a experiência articulou leitura crítica, análise de discursos e produção autoral. Os resultados mostram que a familiaridade técnica dos estudantes com a cultura digital não implica letramento digital crítico. A mediação docente ampliou o envolvimento e permitiu identificar estereótipos e anacronismos, mas também revelou limites relacionados ao tempo, à participação da turma e à ausência de uma etapa prévia de roteirização. Conclui-se que os memes podem favorecer a consciência histórica quando tratados como fontes e produções culturais situadas.

Palavras-chave: Ensino de História; memes; letramento digital.

¹ Acadêmico do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Atua como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela Capes.

² Acadêmica do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Atua como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela Capes.

³ Acadêmico do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Atua como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela Capes.

⁴ Professora da Rede Pública Municipal de Criciúma. Professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Mestra em Ensino de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2026). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2021) e em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2014).

⁵ Acadêmico do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Atua como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela Capes.

ABSTRACT: This article analyzes a pedagogical intervention developed within Brazil's Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (Pibid) with a ninth-grade class. The proposal used memes to discuss Vargas-era labor politics, the Consolidation of Labor Laws, and contemporary discourses about work. Organized into six lessons, the experience combined critical reading, discourse analysis, and student authorship. The findings show that technical familiarity with digital culture does not in itself imply critical digital literacy. Teacher mediation increased engagement and helped students identify stereotypes and anachronisms, while also revealing constraints related to time, classroom participation, and the absence of a prior scripting stage. The article concludes that memes can foster historical consciousness when treated as situated sources and cultural productions.

Keywords: History teaching; memes; digital literacy.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) constitui-se como uma política pública educacional voltada ao fortalecimento da formação inicial de professores no Brasil. Ele tem como principal objetivo aproximar os estudantes de licenciaturas da realidade da educação básica desde os primeiros anos da graduação, promovendo a inserção dos acadêmicos no ambiente escolar e possibilitando experiências práticas e teóricas relacionadas ao exercício da docência.⁶ Na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), o Pibid vem sendo implementado desde 2012, envolvendo diferentes cursos de licenciatura, incluindo o subprojeto de História.

Na edição de 2026, foram propostas aos bolsistas do referido subprojeto a elaboração e o desenvolvimento de um plano de intervenção que partisse de datas comemorativas ao longo do ano e que estivesse apoiado em uma linguagem específica. O projeto relatado neste trabalho, seguindo tais critérios para sua realização, partiu do Dia do Trabalhador, articulando os memes de internet como linguagem central de sua problematização, tendo como objeto de estudo o trabalhismo varguista.

Desse modo, o presente artigo fundamenta-se no seguinte problema de pesquisa: “como o uso de memes no Ensino de História pode contribuir para a problematização de discursos sobre trabalho e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) naturalizados entre estudantes do Ensino Fundamental?”. Assim, é estruturado sob o seguinte objetivo geral: analisar uma experiência de intervenção pedagógica desenvolvida no âmbito do Pibid. Seus três objetivos específicos são: contextualizar o projeto dentro do Pibid; fundamentar teoricamente o uso de memes como uma linguagem válida para o Ensino de História; e

⁶ BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 10 ago. 2026.

analisar os resultados da intervenção a partir dos conceitos de Consciência Histórica e Letramento Digital.

Para a construção deste artigo, partimos da experiência desenvolvida no decorrer do projeto de intervenção do Pibid, utilizando como base o planejamento das aulas, os materiais utilizados na aplicação, as produções realizadas pelos estudantes e as observações dos bolsistas ao longo do processo. Dessa forma, este trabalho foi construído como um relato de experiência, buscando apresentar as atividades realizadas e analisar os resultados, as dificuldades encontradas e as adaptações que foram necessárias durante a intervenção.

Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir dos temas que atravessavam o projeto. Como o meme foi escolhido enquanto linguagem central, buscamos compreender sua presença na cultura digital e as possibilidades de usá-lo no Ensino de História. Para isso, recorremos principalmente às discussões de Chagas, Lemos e Silva. Ao mesmo tempo, conceitos que apareceram durante o desenvolvimento da proposta exigiram outros referenciais, como a consciência histórica em Rüsen, a leitura de imagens em Paiva e as discussões de Freire sobre a participação dos estudantes no processo educativo. Esses autores foram utilizados conforme as questões encontradas na própria realização do trabalho, não como conceitos separados da experiência analisada. As referências mobilizadas pelo artigo seguem justamente esses diferentes eixos.

2. O CONCEITO DE MEME E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Muito se tem debatido sobre a integração de novas tecnologias e linguagens no ambiente escolar, o que não é nenhuma novidade da era digital. Já em 1912, por exemplo, o professor Jonathas Serrano, do Colégio Pedro II, propunha utilizar filmes documentais e ficcionais na educação.⁷ No entanto, essa busca por inovação é frequentemente confundida com uma implementação de tecnologias que, não sendo apropriadamente problematizadas e estrategicamente aplicadas, torna-se vazia e até nociva para o processo de ensino-aprendizagem. Conforme entendimento do Currículo de Educação Digital de Santa Catarina⁸, a tecnologia por si só não define a qualidade da educação, mas sim o trabalho pedagógico crítico que justifica e sustenta a integração dessas ferramentas e materiais didáticos. Nesse sentido, o objetivo pedagógico da intervenção aqui abordada se direciona à superação do modelo bancário⁹ de educação em benefício de uma metodologia ativa que promova o protagonismo estudantil e a percepção do aluno como sujeito produtor de história, capaz de

⁷ BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

⁸ SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Currículo de educação digital da rede estadual de Santa Catarina. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2026.

⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

observar e problematizar o mundo ao seu entorno, incluindo a própria tecnologia. Sendo assim, a linguagem escolhida pelo grupo, conforme as orientações metodológicas do Pibid/Unesc, foi o meme, reconhecido como uma linguagem nativa do ambiente digital de expressiva relevância cultural.¹⁰

As tecnologias digitais, sobretudo as redes sociais e suas linguagens, não devem ser compreendidas como um ambiente paralelo e alheio à vida social, uma esfera "virtual" contraposta ao mundo "real". A cibercultura, segundo Lemos¹¹, designa justamente o conjunto de práticas culturais, sociais e comunicacionais que surgem da articulação entre a cultura contemporânea e as tecnologias digitais em rede. Não se trata de uma cultura à parte, mas de uma dimensão da própria realidade social. As práticas digitais produzem dinâmicas, relações, identidades, conflitos e sentidos que operam diretamente no cotidiano concreto dos sujeitos, como no uso de celulares e redes sociais, transações bancárias, organização política e produção de subjetividades. O que define a cibercultura é o modo como o ambiente digital, mediado por plataformas e algoritmos, reconfigura formas de sociabilidade, de produção de sentido e de exercício do poder. Como todo fenômeno cultural, ela é um campo de disputa em que discursos distintos tensionam sujeitos, práticas e representações, e é justamente nesse campo que o estudante contemporâneo está inserido, frequentemente sem consciência dos mecanismos que organizam sua experiência digital.

O estudante contemporâneo é frequentemente rotulado como "nativo digital", conceito elaborado por Marc Prensky¹² para designar os "falantes 'nativos' da linguagem digital dos computadores, vídeo games e *internet*"¹³, ou seja, aqueles que nasceram e já foram socializados em um mundo tecnológico, em contraposição aos "imigrantes digitais", que aprenderam essa linguagem depois de adultos como uma segunda língua, carregada de "sotaques" analógicos¹⁴. A tese de Prensky pressupõe uma ruptura geracional radical em que a tecnologia digital teria produzido uma transformação na própria cognição dos jovens, tornando-os naturalmente aptos ao ambiente digital. Essa perspectiva, no entanto, é apontada por Lemos como um determinismo tecnológico, com a ideia de que a tecnologia dita, de forma irreversível, os rumos da vida social. Para Lemos, essa relação entre sociedade e técnica é simbiótica: não são as tecnologias que definem os sujeitos; são as formas de sociabilidade que orientam e dão sentido ao desenvolvimento tecnológico. Além disso, ele

¹⁰ CHAGAS, Viktor. *Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura*. BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 95, p. 1-44, 2021, p. 2

¹¹ LEMOS, André. *Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época*. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

¹² PRENSKY, Marc. *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais*. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. On the Horizon, [s. l.], v. 9, n. 5, out. 2001.

¹³ *Ibidem*, p. 1

¹⁴ *Ibidem*, p. 2

propõe a "lógica da reconfiguração"¹⁵, isto é, a cibercultura não representa a substituição nem a ruptura absoluta das práticas anteriores, e sim a reconfiguração, uma reorganização frente à nova técnica. Portanto, não se trata de uma aptidão "nativa", mas uma apropriação social da técnica que, muito diferente de um mero uso mecânico, exige criticidade consciente.

Usar um dispositivo é uma ação técnica que pode ser completamente automática e irrefletida. Apropriar-se dele, por sua vez, implica compreender o que faz, como funciona e quais relações de poder o atravessam. Embora manejem dispositivos móveis com desenvoltura, os estudantes tendem a consumir conteúdo dentro de lógicas algorítmicas que reforçam certos discursos em detrimento de outros, fragmentando a informação. A escola, nesse sentido, não precisa ensinar a usar a tecnologia, e sim a problematizá-la, compreendendo os interesses que organizam o que aparece ou não na tela, quem produz o quê e para quem, e como as próprias plataformas estruturam subjetividades e disputam sentidos.

Dentre as linguagens que compõem a cibercultura e disputam sentidos no ambiente digital, os memes se destacam como manifestação cultural de particular relevância pedagógica. O termo foi cunhado em 1976 pelo biólogo Richard Dawkins¹⁶, que o concebeu como uma unidade de transmissão cultural análoga ao modelo genético: o meme, assim como o gene, constitui-se como um replicador que carrega informações culturais de um lado para o outro e se espalha entre as pessoas. No contexto digital contemporâneo, Chagas, a partir de Shifman (2014), o define como artefatos digitais que "compartilham características comuns em sua forma, conteúdo, e postura, que foram criados com ciência um do outro, e foram postos em circulação, imitados e/ou transformados através da internet por diferentes usuários".¹⁷

Essa definição diferencia o meme do viral: enquanto o viral é um material que se propaga amplamente sem transformação significativa, o meme exige a reapropriação ativa do usuário, que o recombina, remixa, parodia e ressignifica a partir de seu próprio repertório cultural, usando imagens, legendas, vídeos e áudios virais, bordões, animações etc., frequentemente referenciando elementos da cultura pop, política, noticiário ou entretenimento, conforme a intencionalidade discursiva de quem produz tal do meme e para quem é produzido.

¹⁵ LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

¹⁶ CHAGAS, Viktor. *Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura*. BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 95, p. 1-44, 2021.

¹⁷ CHAGAS, Viktor. *Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura*. BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 95, p. 1-44, 2021, p. 10.

Tal dimensão produtiva e participativa confere aos memes um potencial pedagógico significativo no Ensino de História, justificável em duas frentes complementares. A primeira diz respeito à sua natureza de fonte histórica: produzidos e circulados no ciberespaço, registram valores, tensões e representações de um tempo e de uma sociedade, constituindo documentos legítimos para a análise histórica. Já a segunda frente refere-se ao uso do meme como objeto de problematização dos discursos que lhe permitem existir e dos que ele mesmo constrói. Longe de ser um artefato trivial, o meme reflete estruturas sociais profundas, carregando valores, ideologias e disputas que, justamente por se apresentarem de forma humorística, tendem a ser naturalizadas e passar despercebidas.

Portanto, o meme, como produto cultural situado no tempo, pode ser apropriado no Ensino de História como objeto para o desenvolvimento da consciência histórica nos estudantes. Para Rüsen¹⁸, a consciência histórica se enraíza no presente, mas é portadora das experiências da própria evolução temporal do sujeito, ou seja, deve ser internalizada e tornar-se "fator de orientação cultural no tempo"¹⁹, articulando passado, presente e futuro em uma narrativa de sentido que orienta a ação no mundo. Nesse sentido, ao analisar e produzir memes criticamente, situando-os historicamente e identificando os valores e interesses que o constituem, o estudante é levado a perceber que os discursos, estereótipos e anacronismos que circulam nessa linguagem não são naturais nem neutros, mas construídos em processos históricos específicos.

3. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A escolha de usar os memes para abordar o trabalhismo varguista surgiu a partir das reflexões oriundas do projeto de intervenção anterior (desenvolvido no ano de 2025). Assim, em conjunto com a professora supervisora, verificou-se que o estudo da Era Vargas possibilitaria aprofundar o debate sobre o mundo do trabalho a partir da criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com o objetivo de estabelecer conexões entre o conteúdo histórico e debates contemporâneos do cotidiano dos estudantes. Ao longo desse processo, percebeu-se que muitos alunos apresentavam, de antemão, percepções negativas sobre a CLT, encarando o tema com resistência e desdém, não como fruto de uma reflexão coerente e aprofundada, mas por reprodução de discursos amplamente disseminados nas redes sociais e em outros espaços de circulação de mídia. Nessa mesma intervenção, em

¹⁸RÜSEN, Jörn. Consciência histórica como tema da didática da história. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 38, ed. 1, p. 16-22, 2021. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/9985>. Acesso em: 3 jun. 2026.

¹⁹RÜSEN, Jörn. Consciência histórica como tema da didática da história. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 38, ed. 1, p. 16-22, 2021. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/9985>. Acesso em: 3 jun. 2026, p. 21

uma das atividades nas quais os estudantes elaboraram um folder informativo sobre a Era Vargas, um dos grupos mobilizou um meme que fazia referência à CLT, demonstrando que o tema já fazia parte do seu repertório cultural, ainda que de forma, muitas vezes, irrefletida. De qualquer modo, a presença dessa linguagem - os memes - naquela realidade era tão relevante que foi utilizada para construir o argumento e a estratégia de comunicação do material, que positivava a ideia dos direitos trabalhistas.

Quando a orientação do Pibid apresentou aos bolsistas a proposta de intervenção a ser construída sobre o eixo de uma data comemorativa e mobilizando uma linguagem, surgiu a ideia entre os bolsistas de utilizar o meme para comportar as problematizações pelas quais estavam interessados, a partir da data escolhida: o Dia do Trabalhador. Definido isso, o desenvolvimento do projeto envolveu encontros para discussão bibliográfica, observação do cotidiano escolar e, por fim, o planejamento pedagógico direcionado à turma em que seria aplicado, sempre buscando um diálogo entre os licenciandos, os orientadores do programa e a professora supervisora da escola.

A intervenção pedagógica foi elaborada para ser aplicada com uma turma de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dionizio Milioli, situada no bairro Ana Maria, em Criciúma/SC. Em virtude das limitações de tempo dos bolsistas, a sequência foi planejada para ocorrer em seis aulas de 45 minutos semanais. O desenho pedagógico buscou alinhar-se de forma direta às diretrizes regionais e nacionais vigentes, amparando-se nos pressupostos estabelecidos pelo Currículo Base do Território Catarinense²⁰ e pelo Currículo de Educação Digital da Rede Estadual de Santa Catarina²¹. A proposta buscou discutir criticamente as relações de trabalho no Brasil, traçando uma ponte histórica entre a consolidação das leis trabalhistas do período varguista e as configurações contemporâneas do trabalho no contexto neoliberal, como a uberização e a escala de trabalho 6x1.

Na primeira aula, o conceito principal seria o trabalhismo, com foco na compreensão da relação construída entre Vargas, os trabalhadores e a legislação. A discussão foi amparada na habilidade EF09HI06²² e dialogou com Freire²³ ao valorizar os conhecimentos e experiências que os alunos já traziam para a sala. Como metodologia, planejamos a elaboração coletiva de um mapa mental no quadro, partindo da palavra “Trabalho”, no qual poderiam aparecer termos presentes no cotidiano da turma, como “CLT”, “PJ”, “Uber” e “empreendedorismo”, termos estes planejados pelos bolsistas para a elaboração de um mapa

²⁰SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

²¹SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Currículo de educação digital da rede estadual de Santa Catarina. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2026.

²²SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

²³FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

mental no quadro de sala de aula. Além de introduzir o conteúdo, esse primeiro momento permitiria identificar os discursos que os estudantes já reproduziam sobre o trabalho e utilizá-los como parte da discussão nas aulas seguintes. Partiríamos das expressões “Dia do Trabalho” e “Dia do Trabalhador” para discutir a diferença entre colocar em evidência a atividade ou o sujeito que trabalha. A escolha das palavras foi tratada como parte da construção histórica dos discursos, permitindo questionar a aparente neutralidade dessas denominações. A partir das associações levantadas pela turma, avançaríamos para a historicização do 1º de maio, da CLT e do trabalhismo varguista. Com isso, pretendíamos estabelecer uma base para que, nas aulas seguintes, os discentes pudessem comparar suas próprias percepções com diferentes discursos históricos e contemporâneos sobre o trabalhador.

A habilidade EF09HI06 foi escolhida por tratar diretamente do trabalhismo e de sua importância política, social e cultural no Brasil, se relacionando com o que queríamos discutir em aula: a relação construída entre Vargas e os trabalhadores, a criação da legislação trabalhista e os reflexos dessas questões nas relações de trabalho atuais.

Na segunda aula, foi mobilizado o conceito de discurso de Michel Foucault²⁴, entendendo que os discursos produzem sentidos e se relacionam a disputas de poder. Para desenvolver o conceito, foram utilizados diferentes linguagens presentes nos slides, como discurso político, jornalístico, publicitário e memes. Entre os materiais selecionados, trabalhamos com trechos do pronunciamento de Getúlio Vargas no Dia do Trabalhador de 1951, realizado no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro²⁵. A leitura foi orientada por questões sobre a intencionalidade da fala, as promessas direcionadas aos trabalhadores e as estratégias usadas por Vargas para construir uma relação de identificação com esse público. Também recorremos à propaganda *Zé Delivery: Chama a diversão*²⁶, na qual o entregador aparece de forma alegre e descontraída, enquanto o trabalho propriamente dito ocupa pouco espaço na narrativa. A partir dessa representação, problematizamos a representação idealizada do trabalho informal construída pela publicidade, discutindo o contraste entre essa imagem positiva e questões como jornada, condições de trabalho e ausência de direitos trabalhistas. Já no discurso jornalístico, utilizamos a matéria *Precarização do trabalho no Brasil*, publicada na revista *Veja*²⁷, que aborda a informalidade e a precarização das relações de trabalho no Brasil, com destaque para trabalhadores vinculados a plataformas digitais.

Ao final desse encontro, introduzimos os memes como outra forma de construção discursiva, utilizando exemplos relacionados ao trabalho, à CLT, à uberização e à escala 6x1. Antes de discutir propriamente seu conteúdo, observamos sua estrutura: a relação entre texto e imagem, o uso de referências compartilhadas, a necessidade de um repertório prévio para compreender determinadas piadas e ironias e elementos próprios de sua circulação nas redes, como curtidas, comentários e compartilhamentos. Essa aproximação inicial serviu de transição para a aula seguinte, na qual os memes passaram a ocupar o centro da análise.

Na terceira aula, aprofundamos a problematização dos memes da internet. A

²⁴FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

²⁵ HISTÓRIA CONTADA. Discurso de Getúlio Vargas em 1951 – Dia do Trabalhador. [S. l.]: YouTube, 12 fev. 2019. 1 vídeo (5 min 24 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hkb3PeEhH34>. Acesso em: 10 ago. 2026.

²⁶ZÉ DELIVERY. Chama a diversão. [S. l.]: Zé Delivery, 15 abr. 2024. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M9ChNXPY76A>. Acesso em: 31 ago. 2026.

²⁷PERES, Andréia. Precarização do trabalho no Brasil. *Veja*, São Paulo, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/balanco-social/precarizacao-do-trabalho-no-brasil/>. Acesso em: 11 ago. 2026.

fundamentação partiu de Dawkins, retomado por Chagas²⁸, e das definições apresentadas pelo #MUSEUdeMEMES, compreendendo o meme como uma produção que circula, é apropriada e ressignificada por diferentes usuários. Foram retomados aspectos de sua estrutura, observando como texto, imagem e, em alguns casos, som atuam conjuntamente na construção da mensagem. Ainda, discutimos o emprego de *templates* reconhecíveis e como essa espécie de “gramática” permite que determinadas ideias sejam identificadas e reelaboradas rapidamente por quem compartilha referências semelhantes.

A terceira aula teve como foco a análise de memes relacionados ao tema do trabalho. De início, retomamos o conceito de discurso trabalhado anteriormente e planejamos uma dinâmica em que os alunos dialogassem diretamente com os memes, interagindo da forma específica que ele se comunica com o consumidor, sendo ela a de se relacionar com diversos outros elementos da realidade do consumidor, proponto reflexões, apresentando uma reação sobre um acontecimento específico que se aproxima do que a pessoa pensa ou vivenciou, considerando a adaptação prevista no plano de aumentar o foco nas mídias de memes. Para fundamentar essa etapa, recorremos a Paulino Souza²⁹, que compreende os memes como uma linguagem marcada pela intertextualidade e pela articulação entre imagens, palavras e, em determinados formatos, sons capazes de transmitir mensagens por meio do humor e da ironia. A partir dessa perspectiva, apresentamos a origem do conceito de meme e discutimos características de sua linguagem, observando como referências culturais compartilhadas, texto e imagem participam da construção de sentidos. O objetivo foi fornecer elementos para que os estudantes não observassem apenas o conteúdo humorístico das produções, mas reconhecessem os discursos, opiniões e críticas sociais construídos por meio delas. Assim, ao longo da aula, foram incentivados a identificar as mensagens transmitidas, os possíveis estereótipos reproduzidos e as questões sociais presentes nos materiais estudados.

A análise coletiva utilizou memes selecionados do acervo do #MUSEUdeMEMES³⁰, dentre os quais estava o *template* “Diabo Aconselhando”, para abordar temas como trabalho, precarização, uberização e escala 6x1. As questões propostas procuravam identificar quem produz a mensagem, para quem ela parece ser direcionada, qual discurso sustenta, se critica ou naturaliza determinada condição de trabalho e qual repertório é necessário para compreender sua ironia. Ademais, foram observadas as formas de circulação desses conteúdos, considerando visualizações, curtidas, compartilhamentos e comentários, além da

²⁸CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 95, p. 1-44, 2021.

²⁹SOUZA, Paulino Augusto Peres de. *O uso de memes como recurso didático no ensino de história*. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2022.

³⁰O QUE são memes. In: #MUSEUdeMEMES. [S. l.], 19 maio 2025. Disponível em: <https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>. Acesso em: 27 abr. 2026.

influência das plataformas e de suas lógicas algorítmicas sobre aquilo que ganha maior visibilidade. Dessa maneira, buscou-se mostrar que entender um meme envolve não apenas interpretar sua piada, mas também compreender sua estrutura, seu contexto de circulação e os discursos que ajuda a produzir ou reforçar.

A quarta e a quinta aulas seriam destinadas à oficina de criação de memes no Laboratório *Maker*. Essa etapa foi orientada pelos conceitos de autoria e interatividade, a partir de Silva³¹. Em trios, os estudantes deveriam produzir pelo menos dois memes autorais: um sobre o trabalhismo varguista e outro sobre o trabalho contemporâneo. O Canva foi utilizado como principal ferramenta de edição. Além da produção visual, cada grupo deveria entregar uma folha contendo a identificação dos integrantes, a intencionalidade do discurso, a linguagem empregada, o público-alvo e a plataforma imaginada para a publicação. A proposta procurava fazer com que os alunos pensassem nas escolhas envolvidas na criação do conteúdo, considerando imagem, texto, destinatário e mensagem. Os critérios avaliativos consideravam relação com o tema, conexão com questões contemporâneas, criatividade, coerência e uso de recursos visuais e sonoros.

Por fim, a sexta aula foi dedicada à socialização e à análise coletiva das produções. Retomamos a ideia de ressignificação discutida por Araújo³², considerando que os sentidos atribuídos aos memes não se encerram no momento de sua criação, sendo igualmente construídos durante sua circulação e interpretação por diferentes sujeitos. A proposta consistia em projetar os memes produzidos pelos grupos sem apresentar inicialmente a explicação de seus autores. A turma foi convidada a interpretar cada produção a partir dos elementos trabalhados nas aulas anteriores, identificando qual mensagem estava sendo construída, a quem parecia se dirigir, quais referências eram necessárias para compreendê-la e de que maneira texto e imagem contribuíam para a elaboração do discurso.

Após, os colegas puderam questionar ou comentar as interpretações das produções realizadas, enquanto os autores permaneceram inicialmente como ouvintes. Somente depois desse momento, o grupo responsável pelo meme apresentaria sua proposta, explicando a intencionalidade do discurso, o público-alvo imaginado e as escolhas de imagem, texto e referências utilizadas. A comparação entre a intenção dos autores e as interpretações feitas pela turma permitiria discutir, na prática, como uma mesma produção pode adquirir sentidos diferentes quando passa a circular entre outros sujeitos, aspecto relacionado ao processo de

³¹ SILVA, Marco. Meme, educação e interatividade: entrevista com Marco Silva. [Entrevista concedida a] Mariano Pimentel. *Periferia*, v. 11, n. 1, p. 231-239, jan./abr. 2019.

³² ARAÚJO, Juliana Xavier de Araújo. Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 86 f. Monografia (Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ressignificação discutido por Araújo³³. Ao mesmo tempo, essa dinâmica possibilitou retomar conceitos trabalhados durante a sequência, como discurso, autoria, público, linguagem e circulação.

Como encerramento, estava prevista uma discussão coletiva sobre as produções, observando de que maneira representavam o trabalho e se os discursos construídos questionavam ou reproduziam ideias discutidas ao longo das aulas sobre CLT, trabalhismo e relações de trabalho contemporâneas. Além disso, os estudantes foram convidados a refletir sobre as dificuldades encontradas durante a produção e sobre as escolhas que poderiam ser revistas depois da interpretação dos colegas. Por fim, os trabalhos seriam organizados para exposição em um mural da escola.

4. SOCIALIZANDO A INTERVENÇÃO

Essa seção objetiva apresentar e problematizar as aplicações do projeto apresentado na seção anterior. As atividades foram conduzidas em encontros distribuídos ao longo de aproximadamente dois meses, entre 11 de maio e 29 de junho, em aulas de 45 minutos.

A primeira aula ocorreu em sala de aula e tivemos como estratégia a construção de um mapa mental coletivo no quadro, a partir de palavras-chave como “CLT”, “PJ” e “Dia do Trabalhador/Trabalho”, buscando socializar as experiências dos estudantes, fossem elas próprias ou de familiares, relativas ao trabalho. No entanto, foi constatada uma turma tímida, que pouco participou das dinâmicas. Apesar disso, conforme os alunos foram habituando-se à presença desconhecida dos bolsistas, surgiu uma ou outra contribuição, como o relato do jovem aprendiz que atuava em uma lavagem automotiva, compartilhando seu dia a dia e relatando sua relação com as demandas profissionais e como as conciliava com suas responsabilidades escolares. Ainda, outros estudantes expuseram diferentes vivências de familiares, envolvendo vínculos formais, trabalhos associados a plataformas digitais (motoristas e entregadores de aplicativo) e microempreendimentos. A partir desse cenário, traçamos paralelos com o conceito de trabalhismo varguista para pensar historicamente as diferentes formas de trabalho e as conquistas dos direitos dos trabalhadores.

Na segunda aula, ao questionar os estudantes sobre seus entendimentos por “discurso”, nos deparamos com uma turma ainda tímida, desconfortável com a interação coletiva. Por esse motivo, enfrentamos uma grande dificuldade no diálogo, mesmo com a tentativa de uma metodologia diversificada no sentido de propor imagens, vídeos e manchetes para problematizar o conceito de discurso sob diferentes ângulos. Durante a

³³ARAÚJO, Juliana Xavier de Araújo. Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 86 f. Monografia (Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

atividade, foram problematizadas as estratégias de linguagem utilizadas para criar identificação e pertencimento entre governantes e população. Além disso, foram analisados editoriais jornalísticos, entendendo que sua linguagem busca construir uma verdade sobre o mundo a partir de diferentes lugares, conforme a orientação editorial do jornal. Por fim, foram trabalhados os memes relacionados ao trabalho e ao trabalhador. Percebemos que seu uso favoreceu maior participação da turma: a reação inicial mais apática transformou-se em uma demonstração de maior engajamento e descontração à medida que esse conteúdo foi incorporado à discussão. Isso se deu, no nosso entender, porque os memes cumpriram um papel de aproximação entre o conteúdo, Dia do Trabalhador/Trabalho, e a vivência de cada estudante, marcada pela influência digital, especialmente com esse tipo de texto. Com a transição para uma linguagem com a qual a turma melhor se identificava, o grupo atingiu um dos pilares freireanos, entendendo que o processo educativo deve partir do universo vocabular e da realidade concreta do educando³⁴.

A terceira aula teve como foco a análise de memes relacionados ao tema do trabalho. De início, retomamos o conteúdo estudado anteriormente, relembrando com os alunos o conceito de discurso, de modo mais abrangente. Assim, buscamos uma dinâmica na qual os discentes dialogassem diretamente com essa linguagem. Desse modo, foi apresentada a origem histórica dos memes, destacando-se suas principais características, como o humor, a rápida disseminação nas redes sociais e a capacidade de transmitir ideias, opiniões e críticas por meio de imagens, frases e referências culturais. Ao longo da aula, os estudantes foram incentivados a observar e problematizar os discursos presentes nas produções apresentadas, identificando as mensagens transmitidas, possíveis estereótipos reproduzidos e as críticas sociais envolvidas. Ainda, realizamos a leitura dos comentários das suas publicações, buscando mapear seu público-alvo, as interpretações realizadas pelos usuários e as dinâmicas de interação no ambiente digital. Percebemos, então, que a maioria das interpretações compartilhava uma visão já consolidada que desmoralizava a CLT, ligando-a à imagem de um servidor fracassado, frustrado, pobre e cansado. Contudo, a contribuição de uma aluna se destacou ao destoar dos demais: sua visão era a de que a CLT não implicava uma vida necessariamente ruim, mas que o discurso empreendedor, da forma como propagado na internet, não se aplicava à maioria. Ou seja, essa estudante apresentou a análise problematizadora que o grupo buscava, trazendo consigo uma leitura de mundo distante dos padrões estabelecidos nas redes sociais. Esse exercício foi preparatório para o desenvolvimento da oficina de criação de memes – etapa seguinte do planejamento.

³⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Nas quarta e quinta aulas, foi desenvolvida a oficina de criação de memes, tendo como referência os conteúdos discutidos nos encontros anteriores. Nesse sentido, tomamos como pressuposto o entendimento de Marcos Silva:³⁵

A produção de memes por estudantes pode ser uma valiosa atividade de aprendizagem. Para que haja interatividade, a mediação docente deverá mobilizar o ato da produção de memes como autoria e colaboração efetivas [...]. No lugar do meme como obra acabada, há seus elementos plásticos dispostos à manipulação, como campo de possibilidades capaz de garantir a emergência de significações livres e plurais.

Para tanto, foi utilizada a sala *Maker*, equipada com dezesseis notebooks e sete computadores, dos quais apenas seis estavam em funcionamento. O projeto foi conduzido pelos acadêmicos e pela professora titular (Tamires Simões de Azevedo), que dividiram a turma em grupos de até três estudantes, para pesquisa em acervos como o do Museu de Memes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e no Google Imagens, além de fazerem uso de ferramentas como o Canva para produzir seus memes. Em geral, os discentes tiveram facilidade em manuseá-las. Todavia, alguns apresentaram dificuldades por não estarem familiarizados com a plataforma, sendo prontamente auxiliados.

Nesse encontro, a turma se mostrou mais descontraída, empolgada, curiosa e criativa. Essa dinâmica, fora da sala de aula convencional, deu condições para uma nova relação entre os alunos e os bolsistas, visto que na produção dos materiais propostos houve momentos de maior interação, tanto com risadas quanto com a solução de dúvidas. Nosso esforço foi direcionado à busca de uma linguagem em comum com os estudantes, reconhecida por todos, e assim foi criada uma atmosfera de entendimento, troca e acolhimento. Porém, na última aula de produção dos memes houve um contratempo que se tornou algo relevante: identificamos um caso de plágio de um meme já existente. A situação foi constatada por se tratar de um *print* da tela original, sem qualquer alteração ou contribuição autoral por parte do grupo. Diante disso, os acadêmicos e a professora entrevistaram, orientando os alunos sobre a importância da autoria e da criação original dentro da proposta pedagógica. Essa mediação não se limitou a uma correção pontual, mas se configurou como um momento de aprendizagem sobre autoria, criatividade e respeito à produção alheia, aspectos igualmente relevantes para o desenvolvimento da atividade. A partir dessa orientação, os estudantes refizeram o meme, produzindo, dessa vez, um conteúdo autoral que dialogasse com o tema proposto.

Ao analisar os memes dos discentes, observamos que a maioria deles reproduzia os discursos amplamente disseminados nas redes sociais, associando o trabalho formal à ideia de escravidão ou atribuindo à criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) um caráter

³⁵SILVA, Marco. Meme, educação e interatividade: entrevista com Marco Silva. [Entrevista concedida a] Mariano Pimentel. *Periferia*, v. 11, n. 1, p. 231-239, jan./abr. 2019 p. 236.

de dominação e desvalorização do trabalhador. Diante desse cenário, o grupo optou por transformar essa perspectiva em uma oportunidade pedagógica, promovendo um debate estruturado nos moldes de uma interação típica das redes sociais, no qual os estudantes puderam expor e confrontar suas percepções. Embora as manifestações dos alunos tenham se dado predominantemente em tom de humor, os acadêmicos destacaram que as narrativas propagadas nas redes sociais configuram, em grande medida, abstrações da realidade, e enfatizaram que a CLT constitui um instrumento voltado à proteção do trabalhador, e não à exploração de caráter escravista, como havia sido sugerido por eles.

O encerramento se deu na sexta aula: a atividade foi realizada por meio de um diálogo em sala de aula. Em seguida, propusemos uma nova etapa de interação, solicitando aos estudantes um retorno por escrito acerca das dificuldades encontradas ao longo do processo. As perguntas foram: analisando os memes produzidos, qual crítica pode ser vinculada? Qual seria o fundamento histórico dessa produção? Quais foram as suas dificuldades ao longo do processo de criação? As respostas obtidas indicaram que os principais desafios estavam relacionados, em sua maioria, à escolha das ferramentas utilizadas e à percepção de limitação criativa por parte dos próprios alunos, o que evidencia certa dificuldade deles em transitar entre os recursos tecnológicos disponíveis e a elaboração de um conteúdo autoral, capaz de traduzir, de forma criativa, as críticas e reflexões propostas pela atividade.

Com o intuito de ilustrar de forma mais concreta os padrões discursivos identificados nas produções dos discentes, apresenta-se, a seguir, a análise de dois memes selecionados dentre os materiais produzidos pela turma. A leitura dessas produções ancora-se na perspectiva de Paiva³⁶, para quem a interpretação de uma imagem parte sempre dos valores e inquietações do presente, e no entendimento de Araújo³⁷, segundo o qual os memes não são simples reproduções, mas reelaborações ressignificadas de acordo com o contexto social do sujeito que os produz. A partir desses referenciais, buscamos compreender como os estudantes articularam elementos visuais, referências do imaginário popular e recursos da cultura digital para construir suas críticas em torno da CLT, revelando tanto a reprodução de discursos já consolidados nas redes sociais quanto, em alguns casos, leituras mais ambíguas ou distintas do senso comum.

³⁶ PAIVA, Eduardo França. História & imagens. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

³⁷ ARAÚJO, Juliana Xavier de Araújo. Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 86 f. Monografia (Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Figura 1 - Meme sobre Getúlio Vargas e a CLT produzido pelos estudantes

**Getúlio Vargas
vendo que sua ideia de fazer o clt
de escravo deu certo:**



Fonte: Acervo dos autores (2026)

O material selecionado reitera o padrão aplicado em memes nas redes sociais: nele, os alunos associaram e reforçaram a ideia de que a criação da CLT por Getúlio Vargas corresponde a um formato de trabalho associado à escravidão, descartando, assim, a compreensão de que as leis trabalhistas surgiram para garantir direitos ao proletariado. A escolha da imagem também é algo que expõe a perspectiva. De acordo com Paiva³⁸, “ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente,

³⁸ PAIVA, Eduardo França. História & imagens. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 31

que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo e na produção do objeto, e entre seu ou seus produtores”.

Nesse sentido, a figura selecionada transmite um ar de poder autoritário com os elementos, como o charuto e o filtro selecionado na imagem, construindo, assim, uma imagem de Vargas como vilão, poderoso e prepotente. Essa leitura de texto e imagem recorre ao imaginário popular difundido pela internet e ignora o contexto histórico em que a Consolidação das Leis do Trabalho foi promulgada, em 1943, como resposta às péssimas condições de trabalho impostas pelo processo de industrialização no Brasil.

Figura 2 - Meme com o anime “HunterXHunter” produzido pelos estudantes



Fonte: Acervo dos autores (2026)

Nesse caso, o material produzido carrega consigo um outro significado, porém ainda ambíguo: nele, é selecionado um desenho de uma animação na qual o personagem poderia estar emocionado pela criação da CLT ou estar chorando de emoção por conta do discurso vindo do presidente. Com essa interpretação, é possível entender que, com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho, aqueles que trabalhavam estavam emocionados por

receber leis que os beneficiassem ou emocionados apenas por um discurso populista vindo de Vargas. A seleção da imagem relata o contexto no qual os alunos estão inseridos, visto que foi feita a escolha de um *anime* – *Hunter X Hunter*, desenho japonês. Nesse meme, quem está inserido tem um tipo de interpretação, pois tem o contexto do personagem que traz consigo a ideia de determinação muito bem pregada durante todo o *anime*, já quem olha sem esse repertório pode entender de outra forma. Sendo assim, os memes selecionados expressam mundos, conhecimentos, angústias, ansiedades, desejos e influências. Nas palavras de Juliana Xavier de Araújo,³⁹

Os memes não são somente reproduzidos, mas sim reelaborados de acordo com a situação e o contexto social vivido pelo sujeito. É um processo criativo de receber e dar sentido a essas formas contextualizando-as, ou seja, cada indivíduo utiliza o sentido do meme e o ressignifica continuamente em cada replicação a fim de compartilhar novos enunciados e adquirir um determinado capital social

Abaixo, mais um meme produzido pelos estudantes durante a experiência que evidencia o exposto.

Figura 3 - Meme do anime “Kamisama Hajimemashita” produzido pelos estudantes



Fonte: Acervo dos autores (2026)

³⁹ ARAÚJO, Juliana Xavier de Araújo. Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 86 f. Monografia (Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, p. 17

Na Figura 3, a equipe que produziu o meme utilizou elementos da cultura pop aplicados em determinado formato de texto e imagem para ironizar o trabalho formal no contexto de transição para a vida adulta. A estratégia utilizada foi sobrepor os rótulos “18 anos” e “CLT” em um recorte de uma animação japonesa chamada Kamisama Kiss, em que a personagem da esquerda, associada a essa vida adulta cheia de expectativas, é segurada ou arrastada por um ser poderoso que, no meme, representa a CLT e a inserção do jovem no trabalho formal. Sendo assim, é possível observar uma sátira à falta de autonomia e ao choque de realidade que a maioria impõe. Dessa forma, a imagem reforça um lugar comum do discurso contrário à CLT à medida que a acusa de ser uma imposição que aprisiona, esvaziando-a de seu sentido de assegurar os direitos trabalhistas conquistados. Em vez disso, observamos um pessimismo frente a essa modalidade que, conforme a imagem, se impõe feito maldição.

Figura 4 - Meme de gatinho produzido pelos estudantes

**O clt vendo o salário
sair da conta 5 minutos
depois de entrar**



Fonte: Acervo dos autores (2026)

Na Figura 4, o grupo optou por selecionar um estilo de meme já existente na internet (com imagens de gatos) e, a partir dele, produziu uma legenda adequada à proposta da atividade. Nela, os alunos criticaram, de forma cômica, a destinação do salário ao pagamento de contas e despesas cotidianas. A representação do animal chorando evidencia, por meio do humor, a percepção de que o valor recebido é rapidamente comprometido pelas obrigações financeiras, podendo haver dois tipos de interpretação. Uma é a de que todo trabalhador CLT está fadado à pobreza, por sempre depender de um salário que não consegue bancar sua vida, a qual fica marcada pela falta de recursos financeiros. Já a outra

estaria relacionada à baixa qualidade da remuneração, pois o trabalhador realiza o seu serviço com qualidade e acaba não recebendo o salário merecido. Independentemente do sentido agregado, o meme produziu uma crítica ao sistema trabalhista, podendo ser relacionado à má remuneração ou à ideia de que o trabalhador formal sempre será um mero pagador de boletos.

Figura 5 - Meme “O Poderoso Chefão” produzido pelos estudantes



Fonte: Acervo dos autores (2026)

Esse meme produzido pelos estudantes revela, com a escolha de imagem e legenda, uma forma cômica de comparar Getúlio Vargas a Vito Corleone, personagem do famoso filme de Francis Ford Coppola, *O Poderoso Chefão*. O humor se propaga unido a uma visão histórica, relacionando a campanha de Vargas com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), associando o presidente à figura de um poderoso chefe que garante leis aos seus trabalhadores. Além disso, as próprias decisões tomadas pelo presidente se aplicam à postura autoritária e centralizadora do personagem do filme, uma vez que ambos concentravam poder em suas mãos e tomavam decisões de forma unilateral, impondo sua vontade sob a justificativa de proteger e beneficiar aqueles que estavam sob sua liderança.

Essa comparação dialoga com a interpretação historiográfica de Boris Fausto, para quem a legislação trabalhista e as práticas populistas de Getúlio Vargas o consolidaram como o "Pai dos Pobres" ao mesmo tempo em que suas concessões paternalistas e o controle exercido sobre os sindicatos garantiam a manutenção dos lucros da classe empresarial, o que lhe rendeu também o título de "Mãe dos Ricos".⁴⁰

Figura 6 - Meme Laud produzido pelos estudantes

2019:VOU PRA LAUD

2026:



Fonte: Acervo dos autores (2026)

O meme que contrapõe a expectativa de entrar para a “LAUD” em 2019 à realidade de trabalhar como servente de pedreiro em 2026 foi uma das produções mais sintomáticas da intervenção. O erro de grafia, com a escrita de “LAUD” em vez de “LOUD”, não precisa

⁴⁰ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1995, p. 365

ser tratado apenas como algo a corrigir. Ele também revela o lugar a partir do qual esses jovens consomem e imaginam o universo digital. De um lado, aparece o sonho de transformar jogos e internet em profissão; de outro, a imagem do trabalho braçal, pesado e distante dessa promessa. Além disso, o meme expõe uma visão bastante negativa da CLT entre os alunos. Ao longo das aulas, o trabalho formal apareceu associado com frequência à frustração, ao cansaço, à pobreza e à falta de perspectiva⁴¹. Nesse imaginário, essa legislação deixa de ser percebida como uma conquista histórica ligada à proteção do trabalhador e passa a representar justamente aquilo de que eles desejam escapar. O medo de “virar CLT”, tão presente no vocabulário das redes, sintetiza o receio de entrar em uma rotina exaustiva e abandonar as expectativas construídas durante a juventude.

Essa rejeição se relaciona diretamente com os discursos de empreendedorismo, sucesso individual e enriquecimento rápido que circulam nas redes sociais. Em 2019, a ascensão da LOUD ajudava a alimentar uma imagem bastante sedutora: jogar videogame poderia deixar de ser passatempo e se transformar em uma carreira lucrativa, divertida e aparentemente livre da rotina convencional de trabalho. O próprio meme, porém, desmonta essa expectativa. Ao colocar, em 2026, um jovem empurrando um carrinho de mão, os estudantes produzem uma leitura irônica da distância entre aquilo que a internet promete e as possibilidades concretas que enxergam para si.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de memes no Ensino de História é uma possibilidade potente de desconstruir um ideal tradicional do que é uma fonte histórica e quais delas são dignas de serem trabalhadas em sala de aula. É também uma estratégia possível de enfrentamento ao descompasso entre a cultura digital e a escola, à medida que elas competem pela atenção do estudante e, em última instância, pela sua formação cidadã. No entanto, a eficácia dessa integração não reside no artefato em si – nesse caso, os memes –, e sim na qualidade da mediação pedagógica. Assim, concluímos que a experiência no Pibid demonstrou que, embora os estudantes circulem com “naturalidade” no ciberespaço, imediatamente reconhecendo tal linguagem e aproximando-se da aula, é necessário um trabalho pedagógico para apurar um olhar histórico que não é inato a esses “Nativos Digitais”, de modo que possam problematizar tanto as disputas de sentido colocadas nesses memes aparentemente neutros, quanto a própria arquitetura da rede na qual eles se inserem.

⁴¹ARAÚJO, Juliana Xavier de Araújo. Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 86 f. Monografia (Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Entendendo que o objetivo central do Pibid, enquanto política de fortalecimento da formação inicial de professores, não pressupõe que os bolsistas ingressem no ambiente escolar com domínio absoluto das competências didáticas, mas que as desenvolvam nesse processo de formação docente a partir das experiências práticas e teóricas vivenciadas no cotidiano da educação básica, o grupo realiza uma autocrítica fundamental: ao elaborar o planejamento, a empolgação com as discussões teóricas levou à negligência do perfil real da turma. A intervenção planejada, demasiadamente expansiva, revelou-se, na prática, um tanto inadequada àquela realidade ao requerer boas doses de diálogo entre os estudantes e com os professores para estudantes que se mostraram retraídos e pouco habituados à colaboração em grupo, o que resultou na reprodução de fórmulas enquadradas na forma de entender e produzir os memes em vez da criatividade esperada. Esse cenário confirma que o manejo técnico de ferramentas não garante, por si só, a apropriação crítica da técnica. Identificamos, portanto, uma lacuna nessa etapa: a necessidade de uma roteirização prévia em que os alunos compartilhassem suas ideias de estruturação estética e narrativa dos memes, isto é, a intencionalidade dos elementos visuais, o que está sendo ironizado e como o produto final se relaciona com a narrativa histórica. Dessa forma, com as devidas orientações, a turma estaria apta para a execução, evitando a reiteração de discursos problemáticos.

Outro fator determinante na aplicação do planejamento foi o tempo limitado da intervenção: apenas 45 minutos semanais. Isso representou um desafio estrutural diante da onipresença das redes sociais no cotidiano dos estudantes. Essa assimetria explica por que eles tenderam a reproduzir narrativas distorcidas sobre a CLT e o trabalhismo varguista, mesmo após ter sido problematizada essa ideia em sala de aula.

Nesse percurso de erros, acertos e trocas, a turma do 9º ano desempenhou um papel importante de transformação da intervenção em um processo dialógico de construção, no qual os licenciandos também se colocaram na posição de aprendizes, pois à medida que houve a quebra de expectativa quanto ao seu perfil, ensinaram ao grupo a importância de superar essa idealização. Assim, a vivência reafirma que a formação docente na cibercultura exige uma escuta sensível e uma observação atenta às singularidades dos tempos e modos de aprender, consolidando a percepção de que a escola é, acima de tudo, um espaço de encontro onde professores e estudantes se educam mutuamente, conforme defendido por Freire⁴²:

o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mudo.

⁴²FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 39

